



Foto: Vini Dalla Rosa

## Adélia Borges: Quem Define o Valor do Design

**Adélia Borges** não ocupa o centro do palco - mas é uma das responsáveis por construí-lo. Ao longo de décadas, sua atuação como crítica, curadora e pesquisadora ajudou a estruturar a forma como o design brasileiro é compreendido - dentro e fora do país. Não como estilo, mas como expressão de cultura, produção e território. Mineira, foi diretora do **Museu da Casa Brasileira** e curadora da **III Bienal Brasileira de Design** (2010). É autora de mais de 15 livros, publicados em diferentes idiomas, e sua atuação atravessa continentes - com palestras em mais de 20 países e participação no comitê consultivo da

**London Design Biennale.** Em 2021, tornou-se a primeira mulher a receber o título de Doutora Honoris Causa pela UNESP. Seu olhar se forma no que é recorrente e muitas vezes invisível: o que se faz com as mãos, o que se transmite no tempo, o que persiste sem ruído - atravessando o moderno e o contemporâneo. Em uma de suas mais recentes curadorias em instituição museológica, no **Museu do Ipiranga**, a exposição *Design e Cotidiano* reuniu 930 objetos que revelam o cotidiano de imigrantes no Sul do país entre os séculos XIX e XX. Adélia não apenas dá visibilidade ao design. Ela o posiciona - com precisão. Esta conversa parte dessa trajetória - não como retrospectiva, mas como leitura de um campo em transformação, entre o que já foi legitimado e o que ainda está em disputa. Eu a convidei para esta entrevista porque, em um momento em que o design brasileiro ganha novas camadas de projeção, entender como esse valor é construído - e por quem - deixa de ser contextual. Torna-se estrutural.

**1. No cenário global, em que o valor no design é cada vez mais estruturado por escala, tecnologia e circulação internacional, como você avalia o papel do artesanato hoje? Ele pode operar como vetor de inovação com capacidade de expansão ou se configura mais como um campo específico, associado à produção localizada ou ao segmento de luxo?**

*Acho que o papel do artesanato está se expandindo hoje. Como eu disse no meu livro *Design + Artesanato: O caminho brasileiro*, durante certo tempo se acreditou que a industrialização iria matar o artesanato, da mesma forma que a globalização iria matar as expressões culturais locais. O avanço da indústria seria inexorável, fazendo desaparecer, à medida de sua penetração, os modos de produção pré-industrial. A “defesa” do artesanato seria, nesse contexto, apenas uma reação de pessoas na contracorrente da história, hostis ao desenvolvimento da humanidade. Os prognósticos de desaparecimento, contudo, não se confirmaram. A valorização recente do feito à mão se lastreia na dimensão simbólica dos objetos, na capacidade que eles têm de aportar ao usuário valores como calor humano, singularidade e pertencimento. Nos*

*países do Hemisfério Norte, essa percepção de valor do feito à mão é muito maior do que aqui, como se pode ver pelo discurso e pelo branding de marcas de luxo como Hermès, Louis Vuitton e Prada. Aqui, essa percepção de valor ainda é limitada. Veja, por exemplo, a reação de consumidores na Loja MASP, onde sou curadora há uma década, em relação a um objeto de madeira feito pela Marchetaria do Acre. Ele é de um esmero absurdo; são muitas e muitas horas de dedicação e aprendizagem para fazer uma caixinha daquelas. Muita gente acha caro demais e não chega sequer a se deter para admirar em detalhes. Observo, contudo, que o caminho do artesanato não é excludente. Precisamos, cada vez mais, incorporar o design nas grandes indústrias.*

**2. O design moderno brasileiro - especialmente a produção do século XX - mantém uma presença consistente no circuito internacional, com forte reconhecimento crítico e de mercado. Como você interpreta essa permanência? Ela revela uma força estrutural desse período - ou indica um descompasso na projeção do design brasileiro atual no cenário global?**

*Interpreto essa permanência tanto pela qualidade do design moderno brasileiro como pelo fato mais amplo de que os fluxos culturais, nos últimos anos, têm sido mais multidirecionais. Não estamos todos olhando as famigeradas tendências do circuito Helena Rubinstein - Nova Iorque, Londres, Paris e, no caso do design, Milão -, como no século 20, mas nos abrindo para trocas mais plurais. Isso abriu novas oportunidades para o Sul Global e certamente foi impulsionado por iniciativas do próprio hemisfério sul, inclusive por esse pensamento contra-colonial que hoje, felizmente, está se disseminando. Sobre a projeção do design brasileiro atual no cenário global, acho que está havendo um reconhecimento crescente do nosso borogodó. Veja, por exemplo, o número superlativo de premiações que designers e empresas brasileiras vêm obtendo no prêmio iF Design, de Hanover. O que falta são políticas públicas consistentes de divulgação do design brasileiro no exterior. Eu já dei palestras sobre design brasileiro em 21 países, do Catar à Finlândia ou à Índia, mas só em duas dessas ocasiões fui paga por uma instituição brasileira. Imagine as oportunidades que estamos perdendo por*

*causa de uma atitude não propositiva, e sim apenas reativa! A Itália só chegou aonde chegou por causa de um grande investimento do governo e das empresas em promover a sua imagem no mundo. E, recentemente, temos o exemplo incrível da Coreia do Sul, que se reposicionou no mundo devido ao soft power. De toda forma, cabe lembrar que a Apex tem subvencionado ações importantes nos últimos anos.*

**3. No contexto brasileiro, que caminhos você considera mais consistentes hoje para a construção de valor no design? Como articular cultura, produção e posicionamento de forma a ampliar a relevância do design brasileiro no sistema global?**

*Repito o que disse acima. Precisamos de políticas públicas para ampliar a percepção consciente a respeito da relevância do que temos feito por aqui. Internamente, é preciso haver o reconhecimento oficial e social do design como capital intangível, o que depende também da ampliação da participação do design na política estratégica das empresas.*

**4. No circuito internacional, museus, curadorias e bienais não apenas exibem - definem as narrativas que estruturam o valor no design. Como o design brasileiro tem sido enquadrado por essas instâncias? Ele participa da construção dessas narrativas - ou ainda é majoritariamente interpretado a partir de leituras já estabelecidas?**

*Talvez seja mais apropriado dizer não que definam, e sim que ecoem as narrativas e, em contrapartida, suscitem novas reflexões, em sintonia com o zeitgeist, o espírito da época. Mas, nesse quesito de museus, curadorias e bienais, vamos mal, né? Não temos mais a Bienal Brasileira de Design, e o Museu da Casa Brasileira foi desativado. Agora o governo de São Paulo está falando em transferi-lo para São José dos Campos. Toda cidade merece um museu como esse. A obra do Rino Levi em São José dos Campos é magnífica. Mas levar o único museu especializado em design e arquitetura que temos no país para fora de São Paulo é uma insensatez!*

